

## UCRÂNIA: MAIS UM CAPÍTULO DO CAPITALISMO DO DESASTRE?

**Joelton Nascimento**

---

Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFMT. Doutor em Sociologia pela UNICAMP, Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT, onde também realizou estudos em Filosofia e Comunicação Social.

---

Muita gente pensa que as crises de proporções globais, como por exemplo, as crises de superprodução, os conflitos militares e as crises ambientais se encaminham, sempre e necessariamente, na direção de crises de legitimação do capitalismo. O raciocínio do senso comum vai no sentido seguinte: uma crise capitalista leva a uma crise do capitalismo a exemplo do final dos anos 20 do século passado.

Nos últimos trinta anos e sobretudo após o fim da maioria dos “socialismos de estado” esse raciocínio passou a ser gradativamente mais problemático. O capitalismo globalitário não só aprendeu a lidar defensivamente com as crises globais do presente como passou – e essa é a grande novidade – a transformar as crises globais dos mais variados tipos em motor de seu próprio avanço torto. Esta é a tese central do polêmico livro de Naomi Klein publicado em 2007 nos Estados Unidos “*A Doutrina do Choque: A Ascensão do Capitalismo do Desastre*”, com tradução em português pela editora Contexto no ano seguinte.

Reunindo uma farta documentação, às vezes suntuosa, a jornalista e intelectual canadense mostra como os desastres humanos, como as ditaduras militares e o terrorismo fundamentalista, e os desastres naturais, como o Katrina em Nova Orleans e o Tsunami em Sri Lanka, se transformaram em gigantescas oportunidades de avanço de negócios privados e de reestruturação de sociedades inteiras em moldes anteriormente reconhecidos como “impopulares”. Um dentre os muitos exemplos descritos e

discutidos por Klein: em Nova Orleans, antes da passagem do Katrina havia 123 escolas públicas e 7 escolas semiprivadas no modelo “*charter schools*”. Após o furacão, só foram reconstruídas 4 escolas públicas. Já as “*charter schools*”, atualmente, são 31. Atordoados, os moradores de Nova Orleans não puderam se dar conta a tempo que parte expressiva de seu sistema educacional pública havia se convertido em semiprivado.

Essa nova tática global que Klein conseguiu tão habilmente localizar e descrever é a da – como a chamaram seus idealizadores – “doutrina do choque”. Segundo a “doutrina do choque” em estado de pânico, desespero e despreparo provocado por desastres naturais e/ou artificiais, as populações podem ser mais facilmente submetidas a uma completa e brutal mudança em seu modo de vivência atual. Mudanças antes jamais tentadas pelo seu caráter abertamente “impopular”, passam a ser “necessidades” emergenciais indiscutíveis. Sem chance de discussão, por conta do estado de exceção e crise, toda uma realidade social pode ser transformada em um período curto de tempo. Segundo a “doutrina do choque” é preciso estar atento e aproveitar (ou provocar), estes estados de exceção. Por falar em estado de exceção, que se lembre de Giorgio Agamben e seu discutido livro *Estado de Exceção* (Boitempo, 2004) que se era muito mais teórico e filosófico, já dizia com todas as letras que o estado de Exceção se tornava progressivamente um “paradigma de governo” das democracias ocidentais.

Mas voltando a Klein, percebemos que seu livro, ardentemente defendido e atacado, é sem dúvida um dos mais importantes daquela década por seu alcance global e sua força explicativa impressionantes. Para nós, latino-americanos, também há um grande interesse na leitura atenta do livro de Naomi Klein, pois ela dedica preciosos capítulos descrevendo e explicando o uso da “doutrina do choque” em nosso continente, sobretudo nas ditaduras militares do Brasil, do Chile e da Argentina.

Os acontecimentos recentes na Ucrânia não estão caminhando progressivamente para mais um capítulo do avanço da “Doutrina do Choque”, tal como a define e estuda Naomi Klein? Senão vejamos.

Depois das selvagens batalhas urbanas, sobretudo na capital Kiev, entre os diversos grupos de rebeldes e os “Berkuts”, a guarda antidistúrbios do deposto presidente Viktor Yanukovitch, que resultaram na morte de mais de uma centena de pessoas, o governo interino já anunciou que a aproximação com a União Europeia e suas instituições econômicas, resultará em “medidas de austeridade antipopulares”.

Depois que diversos grupos de descontentes com a ingerência do governo de Yanukovitch, entre estes diversos grupos de direita, e alguns de extrema-direita, promoveram um sistemática batalha urbana que resultou em um golpe de estado, as demandas sociais que levaram à insurgência não se viram atendidas. Pelo contrário, o governo interino pós-golpe já se antecipou e anunciou medidas “impopulares” – como o congelamento de salários e o aumento do preço do gás – de caráter claramente neoliberalizantes, em sintonia com as exigências da União Europeia, medidas que já mostraram que são incapazes de tirar os elos mais fracos da crise europeia do lamaçal.

Mas essa aproximação despertou o gigante russo e seu interesse estratégico na Criméia e no Leste da Ucrânia, fazendo deste país o centro nevrálgico de uma nova disputa interestatal, considerada por muitos a mais significativa e com potencial mortífero desde o fim da guerra fria.

O desalento e a tensão causados pela escalada da violência e a proximidade de uma guerra pode desviar nossa atenção das razões dos distúrbios: as demandas sociais que se avolumaram diante da situação de crise econômica e desigualdades renitentes. A aproximação com UE era indicativo de uma suposta solução para os problemas internos da Ucrânia, em seguida a Rússia de Putin oferece outro “ombro amigo” para este momento difícil de impasse e estagnação econômica. A disputa pela Ucrânia entre o Ocidente e a Rússia é, ao mesmo tempo, uma disputa *interna* entre os poderes constituídos e as elites econômicas em torno de uma suposta saída do brejo no qual o país se vê atolado.

O aprofundamento do contexto geral de crise virá tanto com a suposta saída neoliberal junto ao Ocidente e a aproximação com a União Europeia, quanto com a

# Revista Posição

dependência em relação ao neoliberalismo de corte militarista russo. A efervescência popular e os arranjos entre as elites locais é que serão o pêndulo da balança.

O desfecho da crise na Ucrânia é ainda mais importante, pois ele é exemplo de conflitos que vão se multiplicar nos tempos que seguem: a crise capitalista global, ao se intensificar, fará despertar as mais reacionárias tentativas de encontrar uma saída (não por acaso, um dos grupos de extrema-direita envolvida no golpe de estado na Ucrânia se denomina “A Saída”), as potências em declínio vão desempoeirar e lustrar suas pistolas e canhões para novas disputas. Os objetivos não são possíveis saídas em direção a um novo período de acumulação capitalista, que se encontram mais e mais estreitas quando não fechadas por completo, mas sim quem ficam com o butim. As disputas parecem ser sobre quem terá o direito de apagar as luzes.